

Paulo Alexandre Cardoso Pereira

# A BELEZA IMORTAL DAS CATEDRAIS

AFONSO LOPES VIEIRA E A IMAGINAÇÃO MEDIEVALISTA

## II



temas portuguesas

*Título:* A Beleza Imortal das Catedrais  
Afonso Lopes Vieira e a Imaginação Medievalista  
Vol. II

*Autor:* Paulo Alexandre Cardoso Pereira

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* DED/INCM

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Julho de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1797-7

*Depósito legal:* 288 953/09

## 7. A ROSÁCEA FALANTE: PEDRO, INÊS E A IMAGINAÇÃO TRISTANIANA

Bele amie, si est de nus:  
Ne vus sans mei, ne jeo senz vus !

MARIE DE FRANCE <sup>1</sup>

Por que semelhante amor, qual elRei Dom Pedro ouve a dona Enes, raramente he achado em alguuma pessoa, porem disserom os antiigos que nenhuum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o grande espaço do tempo. E se algum disser que muitos foram ja que tanto e mais que el amaram, assim como Adriana e Dido [...], respondesse que nom fallamos em amores compostos [...] mas fallamos daquelles amores que se contam e leem nas estorias, que seu fundamento teem sobre verdade.

FERNÃO LOPES <sup>2</sup>

Por meio da reflexão que epigrafa este capítulo, coloca o cronista de Avis os amores de Pedro e Inês sob o signo de

---

<sup>1</sup> «Chievrefueil», in Laurence Harf-Lancner (ed.), *Lais de Marie de France*, Paris, Lettres Gothiques-Le Livre de Poche, 1990, p. 266.

<sup>2</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, Porto, Livraria Civilização, 1986, p. 199.

uma sobre-humana excepcionalidade («raramente he achado em alguma pessoa»), outorgando-lhes, em concomitância, o crédito do aval historiográfico. Por isso, ela prognostica, em boa medida, aqueles que serão os seus subsequentes avatares literários, quase sempre oscilantes entre a irradiação simbólica do mito e o registo veraz da crónica. Acantonando o seu imaginário ora num, ora noutra destes dois pólos — a «dura verdade» e «los hilos áureos de la leyenda», como ele próprio afirmará mais tarde <sup>3</sup> —, também desta bivalência se irá alimentar, em Lopes Vieira, o tratamento dos amores funestos de Pedro e Inês.

Os sinais de sedução pelo imaginário inesiano — como lembra Lía Rebaudi, um conto de morte e de amor rivalizando em perduração com os mitos gregos <sup>4</sup> — emergem desde cedo na sua obra e nela se inscrevem, tanto por via da teorização vulgarizadora confiada às conferências, como pela mediação das repetidas transmodalizações literárias, sejam elas de natureza lírica ou narrativa. Flório José de Oliveira circunscreve temporalmente esse influxo, notando que «durante três décadas Afonso Lopes Vieira permaneceu romanticamente fiel à própria paixão pelo drama da vida, paixão e morte dos nossos amorosos» <sup>5</sup>. Na amálgama dos seus apontamentos dispersos, vários são os que aludem explicitamente ao mito, sobretudo para dar conta de projectos literários, alguns deles cedo abandonados ou deixados inconclusos. Num deles, sublinha-se a vocação intrinsecamente musical do entrecho romântico: «O mito de *Inês* é já de si tódo compreensível no *sentido da música*. E a *Inês* está ainda por fazer. De resto, só um drama musical seria capaz de no-la dar...» <sup>6</sup> Num outro, o discurso opinativo ganha força

---

<sup>3</sup> *Inéditos*, pp. 636-637.

<sup>4</sup> Lía N. Uriarte Rebaudi, «Inês de Castro, mártir y mito», in Patrícia Botta (ed.), *Inês de Castro. Studi. Estudios. Estudios*, Ravenna, Longo Editore, 1999, p. 28.

<sup>5</sup> Flório José de Oliveira, *Dom Pedro e Dona Inês (Ensaio de Crítica Histórica)*, Lisboa, Edições Pórtico, 1948, p. 42.

<sup>6</sup> *Inéditos*, p. 300.

exortativa: «Os dois grandes assuntos musicais portugueses são a *Inês de Castro* e a *Menina e Môça*. Quando virá o nosso maestro de génio?»<sup>7</sup> Outras nótulas, respondendo ao repto de que «Todo o poeta português deve fazer uma *Inês de Castro*»<sup>8</sup>, registam a sólida intenção de «contar, em prosa, a *lenda*» num «romance de Pedro e Inês»<sup>9</sup> ou a de «fazêr *Inês de Castro* (poêma dramático)»<sup>10</sup>. Que esse poema dramático, nunca levado a bom termo, revestiria a forma de trilogia trágico-amorosa é-nos revelado pela indicação de que o drama de Inês seria acompanhado da história de amor e abandono protagonizada por Mariana Alcoforado. Um ponto de interrogação sinaliza a vacilação do autor relativamente ao terceiro episódio que integraria o tríptico<sup>11</sup>. No rol de tópicos registados para futuras conferências, a associação, sob o tema congregante de Amor português, dos nomes de D. Pedro I, Crisfal e Soror Mariana, poderá, porventura, suprir o elo da cadeia em falta<sup>12</sup>. Por fim, previsivelmente com vista à sua inclusão no *Jornal dum Poeta*, acaso num capítulo relativo a impressões de Alcobaça, regista-se a «despedida de D. Pedro, na rosacea do seu tumulo»: «Até a fim do mundo.»<sup>13</sup>

Recorrendo às palavras de Jorge de Sena, de modo algum se encontrava Lopes Vieira desamparado em matéria de «Inezices de Castro»<sup>14</sup>, e isto tendo em vista o notável impacto do fenómeno do inesismo no *Zeitgeist* neo-romântico. Como nota

---

<sup>7</sup> *Ibidem*. Refira-se, a propósito, a estreia, em 1943, de uma ópera, da autoria de Ruy Coelho, intitulada *Inês de Castro*.

<sup>8</sup> Um outro apontamento insiste na mesma ideia: «LINDA INÊS — Disse Heine q. todo o poeta alemão devia escrever um Fausto. Todo o poeta português deve escrever uma Inês de Castro.» Cf. *Inéditos*, p. 369.

<sup>9</sup> *Inéditos*, p. 367.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 329.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 330.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 355.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>14</sup> Jorge de Sena, «Tentativa de um panorama coordenado da literatura portuguesa de 1901 a 1950», p. 70.

J. C. Seabra Pereira, «o 'velho tema' da lenda inesiana constituiu-se em motivo predilecto da literatura lusitanista, como paradigma da feição amorosa lusitanista e, a nível neo-romântico mais lato, como modelar réplica pátria do mito amoroso fundacional na cultura europeia mediéfica»<sup>15</sup>. A história da *mísera e mesquinha*, dando continuidade, enquanto «mito fluvial»<sup>16</sup>, a um imaginário ofélico de gosto simbolista-decadentista, conectava-se com o surto historicista e a leitura rectificativa do

---

<sup>15</sup> José Carlos Seabra Pereira, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*, p. 326. Bem mais recentemente, lembra Maria Leonor Machado de Sousa que, «pese embora o facto de ter sido a história de Pedro e Inês a mais divulgada e de manter ainda hoje uma vitalidade como inspiração literária que todas as outras perderam, não há nela realmente qualquer ineditismo português [...]. Isto acontece porque o mito que ela consubstancia corresponde afinal a uma ânsia universal do homem, desejando vencer a morte, por um lado, e, por outro, recuperar um bem — neste caso um objecto de amor.» Cf. Maria Leonor Machado de Sousa, «Pedro I de Portugal e Inês de Castro», in Yvette Kace Centeno (coord.), *Portugal: Mitos Revisitados*, Lisboa, Edições Salamandra, 1993, p. 61.

<sup>16</sup> Como observa Luciana Stegagno Picchio, «Formalmente, poi, e per altri elementi strutturali che sorreggeranno nei secoli la costituzione del mito, la dolorosa storia di Inês, uccisa alla presenza dei figlioletti a Coimbra, sulle rive del Mondego, in quella Quinta dos Amores dove dal pianto delle ninfe del fiume sgorgherà la Fonte das Lágrimas, si colloca fra quei miti fluviali che un filosofo come Bachelard raggrupperà sotto il nome e il simbolo de Ofelia.» Nesse sentido, o episódio de Inês de Castro deu origem a um mito aquático «come quello dell'Ofelia shakespeariana, flutuante sulle acque fra corone di fiori. Ma l'elemento acquatico del mito di Inês è originariamente rappresentato dal fluire delle lacrime.» Cf. Luciana Stegagno Picchio, «Inês de Castro: radiografia di un mito», in Patrizia Botta (ed.), *Inês de Castro. Studi. Estudos. Estudios*, Ravenna, Longo Editore, 1999, pp. 20-21. Maria do Amparo Tavares Maleval sublinha que «a transformação das lágrimas, expressão de sentimento, em fonte, sua concretização material, sua perenização na Natureza, não deixa dúvidas quanto ao parentesco com os mitos e lendas primordiais». Cf. Maria do Amparo Tavares Maleval, «Inês de Castro: insígnias de um palimpsesto», *Agália*, n.º 35 (Outono de 1993), p. 297.

passado nacional encetada pelos nacionalismos primonovecentistas<sup>17</sup>. Em 1913, Alberto de Oliveira, numa antevisão entusiástica da publicação do romance inesiano de Antero de Figueiredo, assinalava:

Os assumptos authenticamente bellos da historia ou da lenda, por mais que a arte os utilize, não envelhecem nem se gastam. A inspiração que delles brota para o artista é inexgotável. Veja-se a lenda de Tristão e Isolda que em nossos dias deu origem, pelo menos, a tres obras-primas, o poema e a opera de Wagner e o romance perfeito de Joseph Bédier. Os amores de Ignez de Castro são outro desses *motivos* eternos cuja luminosidade, lembrando a do radium chegou intacta até nós rompendo as camadas opacas do tempo e do espaço. Não ha litteratura que não tenha interpretado esses amores.<sup>18</sup>

Num ciclo inaugurado pelo poema dramático «Constança», de Eugénio de Castro, simbolicamente dado à estampa no derradeiro dia de 1899 — onde o núncio do Simbolismo ilumina o «outro lado do mito»<sup>19</sup>, devolvendo a espessura psicológica

---

<sup>17</sup> J. C. Seabra Pereira classifica, por exemplo, o soneto «Medievo», inserto em *Boa Nova*, de Ângelo César, como uma «uma variante inesiana do mito de Ofélia». Cf. *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*, p. 1358. Transcrevo, a título exemplificativo, as duas quadras iniciais da composição: «A noiva leva sôbre os peitos nus / Açucenas e lírios desfolhados / E sôbre os lírios brancos uma cruz / Que mal prendem seus dedos afilados // Vai a chorar o velho remador, / Olhando as águas mansas da corrente / Que mormuram um cântico de amor / Roçando-se no barco, tristemente...» Cf. «Medievo», in Ângelo César, *Boa-Nova*, Coimbra, Lumen Editora, 1921, p. 43.

<sup>18</sup> Alberto d'Oliveira, *Pombos Correios (Notas Quotidianas)*, Coimbra, F. França Amado Editor, 1913, pp. 336-337.

<sup>19</sup> V. Maria de Fátima Marinho, «*Constança* ou o outro lado do mito», *Diacrítica*, n.º 6 (1991), pp. 85-99. A autora acolhe a sugestão de Narciso de Azevedo, de acordo com a qual «o tema do poema tem a sua origem

tradicionalmente sonogada à figura crepuscular da esposa traída —, as explorações do filão inesiano, ora de dominância historiográfica e feição restitutiva, ora de pendor mais ficcional, reincidem nas obras de Faustino da Fonseca (*Ignez de Castro*, 1900), de Antero de Figueiredo (*D. Pedro e D. Inês*, 1913), de Marcelino Mesquita (*Pedro O Cruel*, 1915), ou de António Patrício (*Pedro O Cru*, 1918), para elencar apenas os nomes mais destacados<sup>20</sup>. Como salienta Aníbal Pinto de Castro, «só com o Neo-Romantismo, a breve trecho fecundado pela morbidez sentimental de decadentistas e simbolistas, a figura e a lenda de Inês de Castro voltam ao palco ou à ficção [...]»<sup>21</sup>.

Ainda que, do ponto de vista cronológico, elas não representem os afloramentos inaugurais do temário inesiano na sua obra, é nas conferências de Lopes Vieira que, decerto, a intenção programática que lhes subjaz adquire carácter desenvolvidamente explícito e são, nessa qualidade, merecedoras de discussão atenta. As duas longas conferências que o autor consagra àquela que reputa ser a suprema síntese mitológica da paixão nacional permitem inteligir as constâncias do seu olhar crítico, no âmbito do esquema simbólico inesiano, bem como a especificidade do enfoque hermenêutico a que o su-

---

nos *lais* de Marie de France e em lendas alemãs medievais, acentuando o tópico da mulher que renuncia aos seus direitos para que o marido e a amante possam ser felizes». Cf. art. cit., p. 91. Em 1922, integrado em *Cravos de Papel*, dá Eugénio de Castro a lume o poema «O Entêro de Inês de Castro», dedicado precisamente a Afonso Lopes Vieira.

<sup>20</sup> Para um repertório exaustivo das obras de temática inesiana do período, podem consultar-se, com proveito, as monografias de Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*, Lisboa, ICLP, 1984, e *Inês de Castro. Um Tema Português na Europa*, Lisboa, Edições 70, 1987 [2.<sup>a</sup> ed. revista e actualizada, Lisboa, ACD Editores, 2004].

<sup>21</sup> Aníbal Pinto de Castro, «Inês de Castro: da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito», in João Gouveia Monteiro, Aníbal Pinto de Castro e Pedro Dias, *O reencontro de D. Pedro e D. Inês*, Coimbra, Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, 1999, p. 39.



bordina. Em 1913, «Inês de Castro na poesia e na lenda» explana, com delonga, os lugares genealógicos do mito — firmando um cânone do seu tratamento literário que inclui Fernão Lopes, Garcia de Resende, António Ferreira e Camões —, convertendo em reflexão teórica o que já na obra poética se implicara. O título, ao sugerir a bissecção da matéria inesiana nas sendas cúmplices da poesia e da lenda, aponta, desde logo, o dúplice desígnio da história dos infortunados amores do monarca português com o *colo de garça*: amores imortalizados pela palavra, é certo, mas igualmente eternizados na mitografia nacional colectiva como consequência da continuada lendarização transfigurante; amores com a certidão da história, mas também treslidos pela cumulação das ficções em que, ao sabor da história, se viram enleados. A sua abordagem pode, portanto, estribar-se, quer numa postura historiográfica, que intenta apurar a substância factual insuspeita, quer num desiderato artístico, que extrai alento criativo da intemporalidade de uma matéria-prima sumamente poética:

A história de tal modo se emaranha na lenda que impossível se torna já ao certo saber onde a história se acaba e onde a lenda começa, onde os factos que a tradição nos legou foram poetizados pelas scismas do povo ou pelo génio dos poetas. [DG, 67.]

Também a Lopes Vieira parecia que, com efeito, «todo o episódio de Inês de Castro foi construído para que o mito tomasse corpo e desprezasse a sua raiz histórica»<sup>22</sup>. Para ele reivindicando o epíteto de «supremo conto de amor» (DG, 39), o autor anota, desde o início, o flagrante paralelismo que congloba as histórias amorosas de Pedro e Inês e a de um outro par mítico, este sim perpetuado por via da mera existência de papel: Tristão e Isolda. A homologia entre os amantes lusos e os seus antepassados bretões é, ainda, autorizada pelo refrão

---

<sup>22</sup> Maria de Fátima Marinho, art. cit., p. 85.

de um célebre cantar de D. Dinis, que Lopes Vieira irá tomar como epígrafe poética ou reproduzir citacionalmente em vários dos seus escritos <sup>23</sup>:

A tragédia de D. Pedro e Dona Inês é na poesia e na lenda portuguesas o supremo conto de amor. Numa das suas trovas diz o grande poeta el-rei D. Denis:

[...] o mui namorado  
Tristan sei bem que nom amou Iseu  
quant'eu vos amo...

Mas bem melhor que o avô o neto o poderia ter dito do seu amor a Inês, porque êles são o *Tristan e Iseu* da Paixão nacional; e bem como os heróis do poema bretão, — que é o poema de todos os poemas, o romance de todos os romances — Pedro e Inês beberam o mágico Filtro que para sempre torna um do outro os que o beberam, e que ao mesmo tempo que os livra de toda a responsabilidade e absolve toda a culpa (por mais culpados que pareçam) os converte em vítimas de uma fatalidade irresistível, mantendo-os isolados e unidos entre as cruezas do destino e a felonía dos homens; êsse Filtro, que sendo a imagem mais subtil da própria essência do mistério amoroso, conduz inevitavelmente à Morte, da qual é irmão o Amor. [DG, 39-40.]

---

<sup>23</sup> Trata-se da cantiga de amor «Senhor fremosa e de mui loução» (B 522/V 115), que, a par da menção tristaniana, inclui também referência ao romance de Flores e Brancaflor. O texto, que recorre à estrutura do tipo «atá-finda», tem sido considerado singular, justamente pela presença destes símiles: «Su referencia a amantes célebres, como las parejas Flores y Blancaflor y Tristán e Iseo se remontan a la tradición provenzal, pero son raras en la lírica gallego-portuguesa por su tendencia a la expresión abstracta y la falta de símiles y referencias de la experiencia sensible.» Cf. Carlos Alvar e Vicente Beltrán (eds.), *Antología de la Poesía Gallego-Portuguesa*, Madrid, Editorial Alambra, 1989, p. 370. Como observam Santiago García e Pilar Gradín, «A inmensa celebridade acadada polo

Este passo permite deduzir as suposições que sustentam o que aqui designo como o imaginário tristaniano de Lopes Vieira <sup>24</sup>, assim apelidando a construção imaginário-argumentativa que procura ver em Pedro e Inês um traslado nacionalizado do «mito nocturno» <sup>25</sup> de Tristão e Isolda, representando esta última a narrativa fundadora, a partir da qual a primeira pode ser relida.

---

sobriño de Marco e a súa namorada reflectese nas alusións da propia lírica galego-portuguesa, que, por dúas veces, menciona a Tristán e Iseo como paradigmas de amor apaixonado: a primeira, en *Ben ssabia eu, mia señor* de Afonso X e a segunda en *Señor fremosa e de mui loução* do seu neto, o rei Don Denis.» Cf. Santiago Gutiérrez García e Pilar Lorenzo Gradín, *A Literatura Artúrica en Galicia e Portugal na Idade Média*, Santiago de Compostela, Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico, 2001, pp. 71-72. Segundo Jorge Osório, «D. Dinis deixa transparecer uma concepção mais geral da cultura cortês, quando faz apelo à competência dos seus ouvintes no domínio da matéria da narrativa de cavalaria, citando por exemplo nomes de figuras dessa literatura de ficção erótico-guerreira, como Brancaflor, Flores, Tristam e Isolda, o que constitui uma atitude rara nos trovadores galego-portugueses, mas existente em Afonso X». Cf. Jorge A. Osório, «D. Dinis: o Rei, a Língua e o Reino», p. 29.

<sup>24</sup> Referindo-se à conferência pronunciada no Serão de Arte em Alcobça, salientava já Augusto Rosa que «um dos pontos mais interessantes e novos d'essa conferencia é a evocação e a aproximação dos amores de *Tristão e Isolda*, os namorados imortaes, dos amores de D. Pedro e D. Inês. Afonso Lopes Vieira trabalha n'um poema em prosa em que o conto medieval é singelamente narrado, no genero do celebre livro de Bedier, *Le Roman de Tristan et Iseult*, e oxalá não nos demore este trabalho, cujo plano acabo de referir.» Cf. Augusto Rosa, «Um Serão de Arte no Mosteiro de Alcobça», in *Memorias e Estudos*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1917, pp. 71-72.

<sup>25</sup> «Face à l'ordre culturel, social, littéraire, Tristan reste lié à une part nocturne. Son histoire conteste les lois humaines; mais plus profondément, elle attaque, elle fait violence à la raison, à la culture, au langage même. Et c'est dans cette violence qu'elle trouve sa vie.» Cf. Richard Robert, *Premières leçons sur le mythe de Tristan*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000, p. 10.

No complexo de princípios reguladores da evolução do mito literário discernidos por Robert Baudry, o autor enuncia aquela que designa como a *lei da osmose ou da simbiose*, sublinhando justamente a tendência revelada por diferentes regimes lendários para a sua recíproca *contaminatio*, ocasionando a fusão interdialógica de díspares caudais míticos<sup>26</sup>. O efeito desta mesma lei se intui no subtexto tristaniano do mito nacional, uma vez que, como já notou J. C. Seabra Pereira, o autor se empenha num sistemático programa de «nacionalização do mito de Tristão e Isolda, em paralelo ou em intersecção com o mito autóctone de Pedro e Inês»<sup>27</sup>. Em 1929, na conferência inédita «Doña Inés de Castro», pronunciada em Sevilha por ocasião da Exposição Hispano-Americana, insiste-se, ainda outra vez, nesse parentesco mítico:

La tragedia de Don Pedro de Portugal y de Doña Inés de Castro es uno de los supremos cuentos de amor que han conmovido el corazón de los hombres y inspirado la literatura y el arte universales.

Por la fatalidad que lo domina, por el dolor que lo traspasa, por la leyenda que lo prolonga, diríase que Doña Inés es la nueva reina Iseo de su Tristan — Don Pedro.<sup>28</sup>

São, realmente, insofismáveis os pontos de contacto entre ambas as fábulas amorosas: os mitemas da paixão triangular, inflacionada pelo obstáculo e conduzida à margem das instituições<sup>29</sup>, da «experiência do amor como categoria da

---

<sup>26</sup> Robert Baudry, *Graal et Littératures d'Aujourd'hui*, p. 355.

<sup>27</sup> José Carlos Seabra Pereira, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*, p. 386.

<sup>28</sup> *Inéditos*, p. 633.

<sup>29</sup> Como nota Jacqueline Thibault-Schaefer, esse interdito é, no caso de Tristão, triplo: «Au moment où Tristan place, de sa propre volonté, entre Iseut et lui, le triple interdit du mariage, de la loyauté vassalique et de l'affection 'filiale' qui l'unit à son oncle, c'est le destin, ou la nature, qui prend les deux jeunes gens dans un lien indissoluble.» Cf. Jacqueline

morte»<sup>30</sup>, do enamoramento como «aspiration vers la pureté, une amorce de l'amour divin»<sup>31</sup>, da desestabilizante sobreposição de *fin'amors* e conjugalidade, da bipolaridade entre o amor eterno contrariado e o martírio político — todos, sem excepção, se encontram *in nuce* nos mitos tristaniano e inesiano<sup>32</sup>. Descendo ao nível do pormenor, uma série de coïn-

---

Thibault-Schaefer, s. v. «Tristan», in Pierre Brunel (ed.), *Dictionnaire des Mythes Littéraires*, Paris, Éditions du Rocher, 1988, p. 1388. Denis de Rougemont destaca o carácter transgressor e revolucionário do modelo erótico proposto pelas versões da lenda tristaniana de Béroul e Thomas, e as suas palavras trazem, inevitavelmente, à lembrança um D. Pedro perjuro, que não hesita em quebrar a promessa, feita em vida do pai, e diligenciar o escambo dos algozes de Inês: «As primeiras versões de Tristão glorificavam uma forma de amor não só oposta ao casamento, como só podendo existir fora dele. Elas 'justificavam' em nome desse novo Amor toda uma série de acções consideradas como crimes: astúcia blasfematória de um juízo de Deus distorcido, violação repetida das alianças da fé jurada, profanação do sagrado feudal e dos sacramentos católicos, falsos juramentos, feitiçaria, magia negra.» Cf. Denis de Rougemont, *Os Mitos do Amor*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p. 38.

<sup>30</sup> Vasco Graça Moura, «Tristão e Isolda: dois marginais?», in *Várias Vozes*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 45.

<sup>31</sup> Claude Goret, «Essai de lecture symbolique du *Tristan* de Béroul», in Jean Bessière (org.), *Mythe, Symbole, Roman. Actes du Colloque d'Amiens*, Paris, Université de Picardie-Presses Universitaires de France, 1980, p. 27.

<sup>32</sup> Luciana Stegagno Picchio traça, nos seguintes termos, uma «radiografia» do mito de Inês de Castro: «Fin dall'origine, il mito di Inês de Castro conteneva comunque i mitemi della potenza dell'amore contro ogni convenzione sociale e matrimoniale; della gioventù e bellezza e fragilità muliebre su cui si abbatte la cieca crudeltà degli uomini; della giusta collera del figlio vendicatore contro il padre e i cortigiani rei di un delitto fra i più atroci; della vendetta portata fino alle estreme conseguenze come prova di un animo nobile e fedele; della rivalsa sociale con la proclamazione postuma della regalità dell'amata [...]; del macabro di una cerimonia di incoronazione del cadavere 'desenterrado', cui i sudditi devono baciare, sfilando in corteo, la mano; ed infine del valore esemplare di una giustapposizione *ad aeternum* dei due tumuli regali sotto le volte del tempio della nazionalità.» Cf. Luciana Stegagno Picchio, art. cit., p. 20.

cidências irmana, por exemplo, Isolda e Inês. Em 1935, comentando o retrato que da heroína nacional esboçara Antero de Figueiredo, anotava Unamuno a semelhança entre este e o da Isolda do *Don Tristán* castelhano:

El retrato de la figura de Inés de Castro, que Figueiredo traza, recuérdame otro retrato literario que el autor portugués dudo mucho conozca y es el que de Iseo, la Isolda, la de Tristán, se hace en un libro de caballerías castellano del siglo xv, el *Don Tristán de Leonís* [...] <sup>33</sup>

Com efeito, Isolda e Inês são ambas personagens portadoras de um nimbo fádico, anunciado pelo louro sortilégio dos cabelos, ambas damas de linhagem, ambas oriundas de um país estranho, ambas mulheres estigmatizadas por uma irresolvida ambiguidade, de modo que a sua conduta é merecedora de apreciações oscilantes — de mitificação hagiográfica ou denegrecimento condenatório — conforme quem ajuíza <sup>34</sup>. São, ambas ainda, acometidas de uma transcendente coragem — também,

---

<sup>33</sup> *Apud* Norbert von Prellwitz, «Bosquejos inesianos de Miguel de Unamuno», in Patrizia Botta (ed.), *op. cit.*, p. 256.

<sup>34</sup> Como, a propósito de Isolda, nota Claude Goret, «Elle est présentée sous un double aspect. Aux yeux des partisans du Mal, elle est la tentatrice, la complice du Mal. Elle est l'Eve marquée par l'idéologie chrétienne. Elle est rusée et menteuse. [...] Aux yeux des gens de bien, elle est la reine injustement accablée. Sa ruse passe pour d'intelligence. Sa beauté, la lumière qui l'auréole, suffisent à plaider en faveur de son innocence et de sa pureté.» Cf. Claude Goret, *art. cit.*, p. 20. Segundo Suzanne Cornil, a glória póstuma de Inês, homóloga à de heroínas como Isolda ou Heloísa, é menos devida a uma personalidade vincada do que à tragicidade que rodeia o seu decesso: «Inès allait connaître une gloire posthume extraordinaire; ses amours tiennent dans la littérature ibérique la place de celles d'Iseut ou d'Héloïse; mais c'est moins sa personnalité, si rayonnante soit-elle, qui la hausse à ce rang, que sa mort tragique, sa réhabilitation et la vengeance du roi.» Cf. Suzanne Cornil, *Inès de Castro. Contribution à l'étude du développement littéraire du thème dans les littératures romanes*, Bruxelles, Académie Royale de Belgique, 1952, p. 36.

## ÍNDICE GERAL

7. A ROSÁCEA FALANTE: PEDRO, INÊS E A IMAGINAÇÃO TRISTANIANA .....	7
8. O CAVALEIRO DOS BÚZIOS: A IMAGINAÇÃO CAVALEIRESCA .....	75
8.1. Pródromos arturianos .....	75
8.2. A <i>neurastenia amadisiaca</i> : do texto como miragem .....	94
8.2.1. Uma <i>Ars Amandi</i> lusa: lirismo e amor-adoração	94
8.2.2. Uma campanha filológica: o <i>Amadis</i> português ...	106
8.2.3. Uma <i>paráfrase de artista</i> : sob o signo de Bédier ...	125
8.2.4. Um livro de cavalaria <i>ad usum delphini</i> : <i>O Conto de Amadiz de Portugal para os Rapazes Portugueses</i>	177
8.3. O outro rosto da Ibéria: o Cid e a hombridade épica ...	191
9. AMADIS DO CÉU, D. QUIXOTE DE CRISTO: A IMAGINAÇÃO HAGIOGRÁFICA .....	235
9.1. <i>Neo-flos-sanctorismo</i> : nos passos do <i>Poverello</i> de Assis ...	235
9.2. Um santo de fogo: entre Cristo e Apolo .....	258
9.3. Hagio(bio)grafia: escrita e peregrinação em <i>Santo António. Jornada do Centenário</i> .....	311
10. CONCLUSÃO .....	347
*	
Bibliografia .....	355

## **Anexos**

<i>Á LUZ DUM VITRAL</i> .....	451
<i>SANTA LUCIA DE MUEL</i> .....	455
<i>ORDEM DO GRAAL</i> .....	471

\*

Índice remissivo .....	475
------------------------	-----



Acabou de imprimir-se  
em Julho de dois mil e nove.

---

Edição n.º 1015318

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[comercial@incm.pt](mailto:comercial@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)